



UMA FAIXA NO MEIO DO CAMINHO: O MOSTRAR/APAGAR DAS RELAÇÕES DE FORÇA

Luan Henrique Mendes¹

O presente trabalho é resultado de uma iniciação científica (PIBIC) com bolsa subsidiada pela Fundação Araucária e teve como pressuposto discutir a relação cidade-discurso e as relações de força presentes no espaço urbano, tendo em vista que as cidades e os sujeitos que nela circulam se constituem simultaneamente, numa relação de produção de efeitos de sentidos sobre a materialidade urbana constituída por corpos, textos e formas que, segundo Orlandi (2004), funcionam enquanto formas do discurso numa espécie de lembrete para a memória discursiva (interdiscurso), suscitando gestos de interpretação dos sujeitos por meio da historicidade, da memória e do simbólico.

Para tanto, partimos da pintura/apagamento da faixa com as cores da bandeira da comunidade LGBTQIAP+ que compunha a narratividade urbana da cidade de Foz do Iguaçu pela passagem do Dia Nacional da Visibilidade trans (24 de janeiro), pintada em cores outras que não aquelas contidas na previsibilidade, o que gerou desconforto e estranhamento numa parcela da população (que gritou nas redes sociais clamando ao município o apagamento da faixa). O corpo e a existência de outros corpos performáticos abrem uma fissura na segurança da leitura estabelecida e trazem para o campo do visível o que está à margem: a comunidade LGBTQIAP+.

Assim sendo, levando em consideração as relações de força que organizam a cidade, chegamos a alguns questionamentos que serviram como base ao longo da pesquisa para o processo analítico do corpus: o que motivou tal apagamento? Quem possui o direito à cidade? Quem pode usar o espaço da cidade? Quem pode ser representado simbolicamente pela e na cidade? Como as condições de produção sustentam os discursos constitutivos dos comentários? Isto posto, a pesquisa foi dividida em duas partes: em um primeiro momento, analisamos sequências discursivas de internautas acerca da pintura da faixa e, num segundo momento, realizamos a análise de sequências discursivas em torno do apagamento da faixa.

A pesquisa foi organizada da seguinte forma: análise dos comentários (sequências discursivas) em torno da pintura e apagamento da faixa de pedestres, a pedido do Ministério Público do Paraná, em uma página do Facebook. Para delimitarmos os comentários, nos centramos naqueles que questionavam a legalidade da faixa de pedestre e aqueles que consideravam que a faixa não poderia fazer parte da cidade, com o intuito de observarmos quais os discursos sobre a cidade, corpos e sujeitos, circulam nos comentários e também para observarmos a possível relação entre a moralidade e a legalidade (tomada a segunda pela primeira). Foram recolhidos 10 comentários para compor o corpus de análise. A partir de tais

¹ Graduando em Letras Português – Inglês e respectivas literaturas pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE.

corpus, estabelecemos as relações entre a língua, sujeito e ideologia. No tocante à fundamentação teórico-metodológica utilizada como base neste projeto de pesquisa, partimos da Análise de Discurso Materialista (Pêcheux, 2012, 2014; Courtine, 2014; Orlandi, 2015; entre outros), além de estudos marxistas e das teorias materialistas da linguagem (Costa, 2017) e a teoria dos movimentos sociais (Gohn, 1997).

De acordo com Michel Pêcheux (2014), todos os sujeitos, numa perspectiva materialista do discurso, são atravessados pela ideologia. Ao pensar nos dizeres dos sujeitos, precisamos lançar um olhar sobre as formações ideológicas e as formações discursivas que sustentam e regulam os dizeres durante os processos discursivos. Num primeiro momento, analisamos os comentários de internautas referentes à pintura da faixa de pedestres com as cores da bandeira LGBTQIAP+:

Sequência discursiva 1 – “Quero fazer questão de nunca mais passar nesse local”.

Sequência discursiva 2 – “Não ajuda em nada isso! Migalhas para a minoria, que sempre é usada pelo poder público.”

Sequência discursiva 3 – “Bora começar a pintar de verde e amarelo, será que irão remover”?

Sequência discursiva 4 – “Uma boa ideia mais creio q com propósito errado. Quem faz trabalhos sociais sabe q ao em vez de tenta privilégios para trans que já tem os msm direitos e deveres de qualquer ser humano, o município deveria tentar ajudar inúmeras famílias q os últimos vendáveis desabrigou... país e mães q luta com um salário mínimo p sustentar suas famílias.”

Como é possível observar nas sequências discursivas 1 e 2, os sujeitos se posicionam de maneira contrária à pintura da faixa. Os enunciados “quero fazer questão de nunca mais passar nesse local” e “não ajuda em nada isso!” mostram o descontentamento e o posicionamento desfavorável em relação à faixa. Na sequência discursiva 3, o enunciado “pintar a faixa de verde e amarelo” funciona, por meio do simbólico, enquanto uma retomada das cores da bandeira do Brasil que, por sua vez, remete ao conservadorismo e ao patriotismo característicos de uma FD bolsonarista, colocando em evidência a identificação plena do sujeito com a forma-sujeito dominante de uma FD bolsonarista.

Já na sequência discursiva 4, é possível identificar um efeito de igualdade entre os sujeitos do direito (Althusser, 2008) se materializa na sequência discursiva 4 por meio da palavra “privilégios”, visto que o sujeito atribui à pintura da faixa uma condição de vantagem para pessoas da comunidade LGBTQIAP+ em detrimento dos demais, o que seria completamente “injusto” considerando a “igualdade” entre os cidadãos. De igual modo, a palavra “famílias” repetida duas vezes, juntamente com “pais e mães”, enfatiza novamente, apoiando-se no pré-construído, uma concepção de família heteronormativa, “tradicional”, nuclear (do capital), em detrimento de famílias constituídas por sujeitos da comunidade LGBTQIAP+, que neste comentário acaba sendo completamente desconsiderada. Passemos ao apagamento da faixa.

Sequência discursiva 5 – “Esse pessoalzinho do mimimi, turminha do arco-íris, não lutam por igualdade, eles querem privilégios, querem mais direitos que os demais.”

Sequência discursiva 6 – “As pessoas usam a palavra homofóbico ou homofobia como arma para nós fazer aceitar tudo o que eles querem. Cada coisa no seu lugar, inclusive opção sexual não me importa porque cada um define a sua dentro da sua casa, no motel, etc... Mas tenho direito a minha opção, crença, etc... Não somos obrigados a aceitar tudo o que é imposto pelo simples fato de que seremos rotulados.”

Sequência discursiva 7 – “Um promotor com bom senso, já não chega querer implantar a ideologia de gênero nas escolas, agora nas ruas também?”

Sequência discursiva 8 – “Faixa de segurança tem padrão de pintura pelo CONTRAN. Se alguém for atropelado sobre essa faixa o condutor do veículo vai alegar que não foi um atropelamento sobre uma faixa de Segurança para pedestres, retirando um agravante.”

Sequência discursiva 9 – “Parabéns ao promotor que fez valer a lei de trânsito, não tem que inventar nada só cumprir o que está escrito. Essa faixa traz riscos ao trânsito.”

Sequência discursiva 10 – “Que vergonha para a nossa cidade até o mais ignorante do ser sabe que não se pode mudar as cores de trânsito.”

Nas sequências discursivas referentes ao apagamento da faixa em questão, vemos materializado por meio do simbólico as cores do arco-íris que compunham a faixa de pedestres, onde ambos os dizeres “peçoalzinho do mimimi” e “turminha do arco-íris” se referem à comunidade LGBTQIAP+. O uso do recurso sintático do diminutivo é fortemente presente nos discursos da direita conservadora como uma forma depreciativa de se referir à comunidade LGBTQIAP+ com menosprezo. Além disso, as palavras “igualdade”, “privilégios” e “direitos” outra vez retomam o sujeito do direito na tentativa de tornar os desiguais em iguais. Ademais, nas sequências discursivas 6 e 7 temos os termos “opção sexual” e “ideologia de gênero”, ambos considerados termos falaciosos pelos estudos de gênero.

Nas sequências discursivas 8, 9 e 10, funciona a ideologia jurídica sustentada pela ideologia moral, ambas responsáveis pela reprodução do efeito de evidência do sujeito do direito que deve reconhecer os códigos de leis que se fazem presentes no cotidiano, nos espaços urbanos, nas rodovias, e assim por diante, considerando aquilo que escapa à convencionalidade um risco, ainda que permitida pelo CONTRAN e pela CTB a pintura de sinalização do trânsito não prevista por período pré-fixado, como era o caso da faixa de pedestres que fora pré-fixada pelo período de três meses legalmente em conformidade com as normas de trânsito, mas que ainda assim fora removida em menos de um mês a pedido do Ministério Público do Paraná.

Com base nas análises realizadas acerca da pintura e do apagamento da faixa com as cores da bandeira LGBTQIAP+, foi possível identificar o posicionamento de sujeitos completamente contrários à ação promovida pela prefeitura da cidade de Foz do Iguaçu. Os sentidos em torno dos enunciados reforçam a disputa pelo espaço da cidade por forças antagônicas: as que promovem o debate em torno dos movimentos sociais e aquelas que organizam os dizeres em torno do cerceamento da cidade.

No que se refere à análise das sequências discursivas tomadas como corpus (materialidade), podemos observar o descontentamento e o posicionamento desfavorável dos comentaristas que, na tentativa de expressar sua indignação, mobilizam palavras que produzem efeitos de sentidos conservadores, patriotas, reacionários, heteronormativos, materializando por meio de seus enunciados os processos discursivos nos quais ocorrem a identificação plena dos sujeitos com o sujeito dominante de formações discursivas bolsonaristas e conservadoras de direita.

Além disso, baseados nas reflexões althusserianas, também vimos que o direito torna os desiguais iguais e aproxima o espaço público do privado ao não manter a faixa de trânsito. As ideologias jurídica e moral são responsáveis pelo efeito de evidência que universaliza os modos de existir da própria cidade, algo que pôde ser observado enquanto resultado da mobilização da língua pelos sujeitos ao utilizarem recursos sintáticos, como por exemplo, os encaixes sintáticos, que funcionam como retorno ao sujeito universal e do direito, produzindo efeitos de sentidos de igualdade entre os desiguais.

A faixa de pedestres na cidade de Foz de Iguaçu, ainda que removida/apagada em menos de 20 dias após sua pintura, foi capaz de trazer ao campo do visível a existência de outros corpos historicamente sujeitados à margem de nossa formação social: corpos invisibilizados pertencentes à comunidade LGBTQIAP+. O apagamento da faixa simboliza a tentativa do cerceamento da circulação destes corpos na cidade, bem como o seu silenciamento e exclusão por meio do esquecimento. Isto posto, esperamos que este trabalho possa contribuir para discussões em torno da luta pela resistência do movimento LGBTQIAP+, como também para debates acerca do arranjo/organização do espaço urbano nas cidades e das relações que a sustentam.

REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, Louis. **Sobre a reprodução**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- COSTA, Nelson Barros da. **Linguagem, linguística e teoria social**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2017.
- COURTINE, Jean-Jacques. **Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos**. 1. ed. São Paulo: eduFSCar, 2014.
- GOHN, Maria da Glória. **Teoria dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos**. São Paulo: Edições Layola, 1997.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **Cidade dos sentidos**. 1. ed. Campinas: Pontes, 2004.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. 12. ed. Campinas: Pontes, 2015.
- PÊCHEUX, Michel. **Análise de Discurso**. Textos selecionados: Eni Puccinelli Orlandi. 4. ed. Campinas: Pontes, 2012.
- PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. 5. ed. Campinas: Unicamp, 2014.